

Paulo Freire e Amílcar Cabral

Luiza Cortesão

Dois Homens, dois grandes homens, dois corajosos defensores da dignidade humana, dois lutadores contra injustiças, contra a exploração e opressão de que os seres humanos tão frequentemente são objeto: um chamava-se Paulo Régulus Freire, nasceu em 1921 na América do Sul, Brasil, na cidade do Recife; o outro chamava-se Amílcar Lopes da Costa Cabral, nasceu três anos depois (1924) em África, na Guiné-Bissau, uma então colónia portuguesa. Paulo Freire, tendo estudado em Recife, licenciou-se em Direito, mas cedo abandonou esta área de trabalho, tendo-se as suas atividades desenvolvido na área da intervenção sociopolítica, através da educação. Cabral, porque nascido em África, numa colónia, para fazer os seus estudos universitários teve de vir para Portugal (Lisboa), onde se licenciou em Agronomia. Teórico da ação política, defendeu e organizou a luta armada contra o colonialismo. Freire descreveu-o como sendo alguém que esteve “na gestação de todos os movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas, desde o tempo em que ele, jovem ainda, estudava em Lisboa” (Freire, 1985, p. 4).

Com origens geográficas tão diferentes, com contextos de vida e formações académicas tão diversas, poderia esperar-se que as suas reflexões, objetivos e formas de ação que ambos pretendiam atingir, fossem bem diferentes. Mas, ao debruçarmo-nos sobre as histórias de vida de ambos, são

bem evidentes as semelhanças que podemos encontrar, entre muitas das suas características.

Numa muito breve e muito incompleta descrição da vida de ambos, poderá começar-se por se verificar que ambos estudaram e escreveram trabalhos, por exemplo de política e educação. Também ambos, para além de escritores, exprimiam a sua sensibilidade e afetos em poesias e/ou belos textos poéticos. Não escondiam, portanto, nem um, nem outro, o seu amor à vida, à natureza, aos seres humanos e à urgência de que, a todos, lhes seja preservada a sua dignidade. Ambos eram pessoas que Fals Borda descreveria como seres “sentipensantes”, e também homens de ação. Eram, portanto, intelectuais que não temiam mostrar o seu lado sensível, mesmo amoroso.

É, aliás, bem conhecida a afirmação de Freire, em que ele diz que “gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a Terra, a vida.” (Freire/Cavalcanti, 2000). Por sua vez, pode ver-se que Cabral, o revolucionário, o artífice da luta armada contra o colonialismo, desvenda o seu lado sensível, por exemplo, num poema escrito na revista Seara Nova em 1946. Dirigindo-se à poesia, escreve:

Não, poesia:
Não te escondas nas grutas do meu ser

E adiante, depois de afirmar o seu amor pelos homens, pede à poesia:

Toma os meus braços para abraçar o Mundo
Dá-me os teus braços para abraçar a vida
Amílcar Cabral, A Minha Poesia Sou Eu

Como se referiu já, as semelhanças, mesmo as convergências de ideias e atividades e lutas que ambos desenvolveram são, realmente, muitas. Recorde-se, por exemplo, a forma como Freire concebeu, pôs em prática e avaliou processos de alfabetização, com os quais, depois, no grande projeto de Angicos¹, mostrou ser possível, em 40 horas, alfabetizar adultos trabalhadores e, mais do que aprender a ler e a escrever, conseguir despertar neles um progressivo processo de conscientização².

Freire tinha compreendido que, para conseguir estes extraordinários resultados, era necessário conceber um processo educativo que partisse da valorização, pelos alfabetizados, dos saberes que eles próprios tinham adquirido no quotidiano da sua vida. A sua célebre frase “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1981, p. 11) traduz bem quanto, para ele, foi sempre importante que os alfabetizados, trabalhando juntamente com o formador, “lessem o mundo”, isto é, discutissem questões do seu contexto, do seu quotidiano e identificassem palavras aí existentes que, portanto, lhes são familiares, que usam para exprimir as suas atividades, problemas e saberes,

e que, em consequência disto, se trata de palavras que lhes são significativas. Nestas circunstâncias, as atividades educativas são desenvolvidas num enquadramento que é o seu, tem que ver com os seus saberes e/ou com problemas que os afetam e que sentem necessidade de resolver.

Amílcar Cabral, o engenheiro agrônomo, o estratega da luta armada, o escritor e poeta percebeu, também, ser “necessário encontrar formas apropriadas para mobilizar os nossos camponeses, em vez de utilizar termos que a nossa gente não pode compreender” (Cabral, 1973, p. 19) e que, portanto, respeitassem as suas formas habituais de se exprimirem. Por exemplo, em vez de lhes falar logo na necessidade de lutar contra o “colonialismo”, palavra que não lhes era familiar, Cabral conta que na comunicação recorriam a uma “linguagem direta e acessível a todos” (idem, p, 19).

Vais trabalhar na estrada? Quem te dá a ferramenta para o trabalho? És tu que a dás. Quem te dá comida? És tu que a dás. Mas quem anda na estrada? Quem é que tem um carro? E a tua filha que foi violentada por um fulano – achas isso bem? (Cabral, 1973, p. 19)

Como se pode ver, sem se terem conhecido diretamente, Freire e Cabral recorriam a processos muito semelhantes no trabalho pedagógico, hibridado com contributos vindos da etnografia. Ambos partiam dos saberes adquiridos no quotidiano, portanto da sua cultura, que respeitavam, para, em seguida, construírem outros saberes na cultura letrada, que passa a ser vista simplesmente como “outra cultura” e não como uma “cultura superior”.

Freire, que tinha uma enorme consideração por Cabral, afirmou:

Lembro-me que eu li dois volumes da obra de Amílcar numa tradução francesa; só depois eu consegui o texto original, publicado em Lisboa. Mas a gente lia, eu costumava ler o Amílcar assim, página por página, palavra por palavra, fazendo as minhas notas. (Freire, 1985, p. 4)

Para além de práticas educativas semelhantes, é ainda fácil encontrar outras proximidades entre estes dois homens. Eram ambos intelectuais sensíveis, mas também militantes de lutas idênticas e, como atrás já se referiu, atores sociais em que a sensibilidade poética, os afetos, não toldavam a lucidez das suas leituras dos problemas do mundo. Alguns textos poéticos, algumas poesias, são ainda testemunhas da existência de características semelhantes entre estes dois homens. É um bom exemplo da produção poética de Cabral, e da sua ampla capacidade de compreensão política da história, uma bela poesia como “Naus sem rumo”, em que ilhas e naus dialogam, em que a aventura e o sonho de alguns coexistem com a exploração e o sofrimento de outros, em que as naus são descritas como, simultaneamente, portadoras de “sonho e de desgraça”.

Naus sem rumo

Dispersas
emersas
sozinhas sobre o oceano...
sequiosas
rochosas,
pedaços do Africano,
do negro continente,
as enjeitadas filhas,
nossas ilhas,
navegam tristemente...

Qual naus da antiguidade
qual naus do velho Portugal
aquelas que as entradas
do emerso mar abriram...
As naus
que as nossas descobriram.

Ao vento, à tempestade,
navegam
de Cabo Verde as ilhas,
as filhas
do ingente
e negro continente...
São dez as caravelas,
em busca do infinito...
São dez as caravelas,
sem velas,
em busca do infinito...
À tempestade e ao vento,
Caminham...
navegam mansamente
as ilhas,
as filhas
do negro continente...

Onde ides naus da fome
da Morna,

do Sonho,
da desgraça?...

Onde ides?
Sem rumo e sem fito
Sozinhas,
Dispersas,
emersas.
nós vamos
Sonhando
Sofrendo
em busca do Infinito!...

Amílcar Cabral, 1983

Freire (1981), que, sobretudo, tem muitos e belos textos poéticos, por vezes com palavras por ele inventadas, carregadas de sentido, como por exemplo os passarinhos que são “manhedores” (p. 15) porque anunciam o dia que vai chegar, ou “as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos” (p. 13), tem também belos poemas como, por exemplo, a “Canção Óbvia” (Freire, 2000), escrita em Genève em 1971, ainda no princípio do seu exílio. É a poesia com que abre a “Pedagogia da Indignação” (Freire, 2000).

Canção óbvia

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens
Suarei meu corpo que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais;
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.

não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de fazer.
Desconfiarei daqueles que irão dizer-me:
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria da tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

Paulo Freire, 1971, in Freire, 2000

Existindo tantas convergências, tanto na reflexão, em formas de sentir, como até em práticas, como explicar a divergência, bem funda, que existiu entre Paulo Freire e Amílcar Cabral, quanto à adoção da língua portuguesa como língua de alfabetização? Recorde-se que Paulo Freire, educador militante, apostava na possibilidade de, através da educação, conscientizar os seres humanos e na possibilidade de, mudando estes, ser também possível contribuir para mudar o mundo. Paulo Freire, que respeitava aquilo que designava de “marcas” culturais, impressas no mais íntimo do ser humano, pela simples vivência no contexto de origem e pelo ambiente em que se desenvolveu cada um (Freire & Faundez, 1998), Freire que defendia, portanto, a valorização dos saberes experienciais, da cultura de origem e, em consequência, da importância que tinha a preservação da língua materna, não podia aceitar a posição de Cabral que, por sua vez, defendera que “o português é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é a prova de nada mais, senão um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo” (Cabral, 1974, citado por Gadotti, 2010, p. 6).

Era o confronto entre o estadista e o educador. De facto, Cabral, como se referiu antes, desde a sua juventude, lutava contra o colonialismo e, portanto, pela independência das então colónias portuguesas. Lutava para que a Guiné Bissau e Cabo Verde fossem países independentes. Fazia-o através da luta armada e do despertar

da consciência do povo, no sentido de perceberem a importância de gerirem os seus próprios destinos. Lutava no terreno, lutava em ações políticas ao mais alto nível. Muito culto, muito informado e muito lúcido, cedo percebeu as dificuldades de ser aceite pelo mundo, como independente, um pequeno país africano onde existiam diversos grupos falantes de diferentes línguas. A adoção do português como língua oficial e também como língua de alfabetização era, portanto, uma opção estratégica de Cabral para a luta pela sobrevivência de um estado-nação aceite pelo mundo. E tratava-se de uma opção já antiga. Pode ver-se por exemplo que, durante a guerra colonial, quando em 1972 a ONU enviou à Guiné-Bissau uma missão para obter informações “em primeira mão” sobre “condições das áreas libertadas e das intenções e aspirações do povo no que respeita ao seu futuro” (Relatório da Missão especial da ONU na Guiné, abril de 1972, s/p), essa missão já encontrou, nas zonas libertadas, escolas de cujo currículo constava, entre outras, a disciplina de Língua Portuguesa. Ora, repete-se uma opção estratégica, feita por Cabral, no sentido da afirmação, no mundo, da Guiné-Bissau e Cabo Verde como estados-nação.

Para além disto, muitos outros problemas já se previam numa então “colónia” que queria ser um país independente. O próprio Freire (1985) revelou, mais tarde, que um ministro com quem falou lhe terá dito:

Não é fácil você pôr o crioulo, por exemplo, como língua nacional e língua de mediação da formação cultural e política do seu povo. Onde é que você vai buscar o dinheiro e competência técnica e científica para traduzir todas as obras fundamentais que a Guiné não produziu ainda e que tem de ler, tem de estudar. Passar isso tudo para crioulo, com que dinheiro, tempo e competência? (p. 21)

Enquanto isto, Freire, o educador, percebia a contradição que representava, num país que tentava libertar-se da opressão colonial, adotar para a alfabetização a língua do colonizador. Ele sabia que:

(...) a imposição da língua do colonizador ao colonizado é uma condição fundamental para a dominação colonial que se estende na dominação neocolonial. Não é por acaso que os colonizadores falam da sua língua, como língua, e da língua dos colonizados, como dialeto; da superioridade e “riqueza” da primeira a que contrapõe a “pobreza” e a “inferioridade” da segunda. (Freire, 1978, p. 145).

E, mais adiante, acrescentava:

Na verdade, o processo de libertação de um povo não se dá em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de

“pronunciar” e de “nomear” o mundo. Dizer a palavra enquanto ter voz na transformação e recriação de sua sociedade: dizer a palavra enquanto libertar consigo sua língua da supremacia da língua dominante do colonizador. (Freire, 1978, p. 145)

Como anteriormente se referiu, estava-se face a um confronto entre alguém que defendia e valorizava a importância de uma intervenção sempre atenta à educação, mesmo que em problemas de política internacional, e alguém que, embora sabendo a importância da educação, liderava a luta por um país que queria ser reconhecido como independente.

No contexto em que se encontrava, pode ver-se, portanto, que, em Amílcar Cabral, o Estadista prevaleceu sobre o Educador que nele mesmo existia.

Notas

- ¹ Foi em Angicos, no nordeste brasileiro, que Paulo Freire desenvolveu um trabalho com um grupo de trabalhadores, em que mostrou ser possível alfabetizar adultos em 40 horas.
- ² Tomada de consciência das más condições de vida em que se encontravam e o despertar também da capacidade de luta contra as condições de precariedade em que viviam.

Referências

- Cabral, A. (1973). *Textos políticos*. Afrontamento.
- Cabral, A. (1983). *Emergência da poesia em Amílcar Cabral*. Coleção Dragoeiro. Grafedito.
- Cavalcanti, A. (2020, novembro 30). *Entrevista concedida por Paulo Freire* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/HVfrlxQOm3g>
- Freire, P. (1978). *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo* (2ª ed.). Paz e Terra.
- Freire, P. (1981). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. Cortez.
- Freire, P. (1985, novembro 8). *Amílcar Cabral: O pedagogo da revolução* [Palestra]. Curso de Mestrado da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasil.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. UNESP.
- Freire, P., & Faundez, A. (1998). *Por uma pedagogia da pergunta*. Paz & Terra.
- Gadotti, M. (2010). *Paulo Freire em África* [Comunicação]. VII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, Praia, Cabo Verde.
- Organização das Nações Unidas. (1972). *A Missão Especial da ONU na Guiné-Bissau*. Relatório elaborado por Horácio Sevilla Borja, Folke Lötgren e Kamel Belkhiria.
- Soares, A. (2021, novembro 30). *Como gostaria de ser lembrado por Paulo Freire* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HVfrlxQOm3g>

Luiza Cortesão

Luiza Cortesão é Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente da Direção do Instituto Paulo Freire de Portugal, membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativa (CIEE), da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Esteve vários anos ligada à UNESCO, tendo trabalhado no início como consultora, e posteriormente participando em projetos em vários países de África especialmente Cabo Verde e Moçambique. O seu campo de trabalho está fortemente relacionado com trabalhos de Investigação-Ação, enquadramento teórico que é particularmente favorável para tratar os problemas de diversidade e desigualdades socioeducativas, que constituem o seu campo de trabalho.

Email: luizacortesao@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8738-1859>

Correspondência

Luiza Cortesão
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - UP
Polo II (Asprela) - Rua Alfredo Allen, sala 005
4200-135 Porto, Portugal

Data de submissão: janeiro 2025

Data de avaliação: fevereiro 2025

Data de publicação: março 2025